

# Comunicação

## **A Batalha Naval do Riachuelo: uma visão Micro-Histórica**

*Palestra proferida pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Eduardo Alves de Almeida em 14 de junho de 2005 no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.*

---

### **Comandante Francisco Eduardo Alves de Almeida**

*Graduando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É sócio titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) e sócio da Associação Nacional de História (ANPUH). É o atual diretor do Serviço de Documentação da Marinha.*

---

## A Batalha Naval do Riachuelo: uma visão Micro-Histórica

Gostaria inicialmente de fazer algumas considerações sobre o estatuto da própria História Naval e de seu campo de atuação, tentando enquadrar não só o evento militar ocorrido no passado, a Batalha Naval, em uma dimensão histórica, a história política, mas também dentro de uma abordagem específica em relação ao campo de observação que escolhi, a chamada Micro-História.

O renomado professor de História Marítima do Naval War College dos Estados Unidos da América, Doutor John Hattendorf, afirmou há alguns anos que "a História Naval está desconstruída, seu efeito é esporádico, inconsistente e ocasionalmente contraditório". Considerando que nos Estados Unidos encontram-se talvez os maiores centros de estudos históricos do hemisfério ocidental, essa afirmativa chega a ser provocativa. Como está a História Naval hoje em dia posicionada em relação aos estudos históricos contemporâneos no mundo e no Brasil? Essa é a questão a ser discutida.

Antes de qualquer análise mais aprofundada, devemos incursionar no campo da Teoria da História para podermos homogeneizar o nosso pensamento. Inicialmente, devemos distinguir a História Marítima da História Naval. Embora possam figurar no mesmo campo de atividades, elas não são coincidentes.

A primeira investiga particularmente os campos ligados à ciência, à tecnologia, à cartografia, à indústria, à economia, ao comércio, à política marítima, às relações internacionais envolvendo o mar, ao desenvolvimento organizacional e institucional marítimo, às co-

municações, à migração conectada com o mar, ao estudo das leis marítimas, aos assuntos sociais ligados ao mar, à liderança política com foco no campo marítimo, à ética marítima, à arte ligada ao mar e à literatura naval. Observamos que o campo de atuação da História Marítima é enorme e multifacetado<sup>1</sup>.

Como exemplos de História Marítima podemos apontar a história da construção naval ou, quem sabe, a história da navegação. Outros subprodutos interessantes podem ser a história da cartografia marítima ou a história da literatura naval. A História Naval é a História Marítima ligada ao campo militar<sup>2</sup>.

John Hattendorf classifica a História Naval como sendo a história que envolve especificamente o estudo e a análise dos modos como os governos organizam e empregam a força no mar para atingir seus objetivos nacionais<sup>3</sup>. Um dos grandes historiadores navais do século XX, o Almirante britânico Sir Herbert William Richmond, personalidade fascinante que tem atraído minha atenção, pesquisa e estudo nos dois últimos anos, assim descreveu, em 1939, o que interessaria a História Naval. Disse ele:

"A História Naval inclui os "porquês" da estratégia em todas as suas fases, da esfera política até a tática de Esquadras e Esquadrões. Inclui também os "como" e não menos importantes os "porquês" dos sucessos e fracassos. Ela abarca todos os elementos da diplomacia: o relacionamento da economia e o comércio, das leis internacionais e neutralidade, de posicionamentos em com-

<sup>1</sup> HATTENDORF, John. *The uses of maritime history in and for the Navy*. Naval War College Press, Newport RI: Spring 2003, p. 19.

<sup>2</sup> *Ibid*, p. 20.

<sup>3</sup> *Ibid*, p. 20.

bate, dos princípios e da administração da condução da guerra, da natureza das armas e da questão das personalidades envolvidas nas decisões<sup>4</sup>.

Assim os historiadores navais se debruçam sobre a condução da manobra de crise e da guerra no mar. Seus instrumentos de trabalho, os documentos, os indícios, a oralidade, as memórias, as cartas, enfim toda a sorte de fontes chamadas primárias, não excluindo as secundárias com novas interpretações.

Dessa forma, a História Naval está inserida na História Marítima. Por sua vez, inclui-se também na História Militar, dentro da dimensão História Política. Isso não significa dizer que a História Naval por si só tenha independência temática. Longe disso. Sua intercessão com outras dimensões é mais que evidente. Quando Alfred Thayer Mahan escreveu a biografia de Lord Nelson, em 1897, não estava escrevendo apenas História Naval, mas também História Social com grandes pitadas de Psico-História ao se debruçar no, nem sempre tranqüilo, relacionamento do herói britânico com Lady Hamilton.

Outro exemplo notável da imbricação História Naval com outros campos históricos foi o caso do anteriormente citado Sir Herbert Richmond ao escrever, em 1920, o melhor livro, em minha opinião, sobre a Guerra de Sucessão da Áustria no mar, *The Navy in the War of 1739-1748*, em três volumes. Richmond analisa o aspecto psicológico das decisões tomadas por Anson, Byng, Knowles e outros almirantes envolvidos na guerra. Ele construiu não só a História Política Naval, mas também a Psico-História e a História Antropológica.

O renomado professor britânico de Teoria e Metodologia da História Keith Jenkins, atualmente lecionando na University College Chichester, escreveu que a História é um discurso em constante transformação, construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma inter-

pretação única<sup>5</sup>. Mude-se o olhar, desloque-se a perspectiva e logo surgirão novas interpretações. Aí está a beleza de se construir o discurso historiográfico. É efetivamente uma disciplina fascinante.

De acordo com o Professor-Doutor José D'Assunção Barros, o campo de observação do agente histórico, dentro do aspecto abordagem, pode também comportar a História Imediata, a História Local, a Regional, a História Quantitativa, a Biografia Histórica e por fim a Micro-História<sup>6</sup>. A História Naval também trafega com desenvoltura em todas essas abordagens.

A Micro-História, por exemplo, abordagem por mim escolhida para descrever a Batalha Naval do Riachuelo, é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de perceber aspectos que de outro modo passariam despercebidos. O que pretendo discorrer é a trajetória de determinados atores dentro do embate naval, suas percepções, anseios, temores e comportamentos. Não pretendo biografar nenhum personagem durante a batalha, mas sim perceber suas reações em um momento de grande tensão psicológica.

O que quero transmitir é uma visão particular de alguns combatentes envolvidos na ação naval sob a lente de um microscópio e não de um telescópio. Estarei fugindo da grande narrativa épica da batalha? Certamente.

Alguns grandes historiadores navais do passado não muito distante já tiveram a coragem, a clareza e o tirocínio de focar a Batalha Naval do Riachuelo sob o ponto de vista estratégico. Cito o decano dos historiadores navais brasileiros, Almirante Helio Leoncio Martins, orgulho de nossa História Naval e de nossa Marinha. A ele quero particularmente prestar uma homenagem especial. Sua personalidade cativante e jovial, aliada a sua fina erudição nos brinda com excelente História Naval. Ao Almirante Leoncio, orgulho de nossa Marinha, nós historiadores navais muito devemos.

<sup>4</sup> RICHMOND, Herbert. The importance of the study of Naval History. *Naval Review*, May, 1939, p. 201.

<sup>5</sup> JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto Editora, 2001, p. 35.

<sup>6</sup> BARROS, José D'Assunção. *O campo da história*. Petrópolis: Editora Vozes, RJ, 2004, p. 19.

Outro historiador que discutiu essa batalha em detalhes foi meu ex-professor de História da Escola Naval, Comandante Professor-Doutor Antonio Luiz Porto e Albuquerque, exemplo de dedicação ao magistério e incentivador para que eu prosseguisse nos estudos históricos universitários.

Por fim, devemos um tributo a outro historiador especialista em Riachuelo, talvez o maior conhecedor dos aspectos táticos da batalha, o Almirante Armando de Senna Bittencourt, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e atual Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha, que analisou detalhadamente os diversos enfoques desse memorável combate naval. Enfim, grandes historiadores navais que merecem menção.

Minha abordagem assim deverá necessariamente contemplar aspectos pouco discutidos na batalha. A abordagem micro-histórica veio dessa forma a ser a minha escolha natural. Mergulhemos então na história vista de baixo, que não é bem uma especialidade da História, mas sim uma atitude ao examiná-la.

Começamos então a viajar no tempo naquela manhã de domingo, às 8h30 min, do dia 11 de junho de 1865, em Riachuelo, pequeno afluente do Rio Paraná.

O Comandante da Canhoneira *Araguari*, Primeiro-Tenente da Armada Imperial Antônio Luiz Von Hoonholtz, descreveu de maneira simples o início daquele dia que ficaria gravado para sempre em sua mente. Disse ele:

"O dia 11 de junho, que era domingo da Trindade, amanheceu fresco, sereno e iluminado por um sol brilhante a resplandecer num céu sem nuvens. Como de costume, terminada a baldeação, preparava-se o navio para a mostra geral que eu devia passar depois do almoço da guarnição. Por minha parte, tomado o banho frio da manhã e depois de feita a *toilette*

domingueira, saboreava eu na câmara a canequinha de café, quando súbito o Guarda-Marinha Rodrigo de Lamare, que estava de quarto, gritou-me abrindo a gaiúta – "Comandante, o navio da vanguarda faz sinal de inimigo à vista!" Mande tocar a postos, respondi e, engolindo o último trago de meu café, galguei a escada e em dois tempos, atravessei a tolda e trepei ao passadiço, meu posto de comando"<sup>7</sup>.

A surpresa de Von Hoonholtz com a chegada da Esquadra inimiga se contrastou com a certeza paraguaia de que a vitória estava ao alcance das suas mãos. Como sabemos, os navios brasileiros estavam fundeados naquela manhã, com algumas praças ainda em terra recolhendo lenha para as fornalhas a vapor. Os paraguaios, ao contrário, sabiam exatamente o que iriam fazer. O plano original era chegar ao romper da madrugada na boca do Riachuelo e abordar os barcos brasileiros que se encontravam fundeados.

O plano paraguaio era descer o rio, junto ao canal leste, à noite, às escuras, depois de ultrapassar a Esquadra brasileira, guinar e tentar uma abordagem na qual estaria envolvido o 6º Batalhão de Infantaria de Marinha, famoso pelas operações anteriores no Mato Grosso. Um atraso na saída do Esquadrão paraguaio postergou a chegada ao local aprazado e a surpresa foi perdida.

O vice-chefe do Esquadrão paraguaio, Capitão-de-Corveta Remigio Cabral e também comandante de uma canhoneira comprada por López na Inglaterra, a *Taquary*, assim descreveu aqueles momentos iniciais do confronto a um interlocutor chamado Gregorio Benitez depois da batalha :

"O senhor se lembrará da hora avançada em que zarpamos do porto de Humaitá para esse destino. Esse era o motivo por que não pudemos alcançar o ancoradouro da Esquadra inimiga ao romper do dia como havia sido

<sup>7</sup> Carta escrita pelo Primeiro-Tenente Antônio Luiz Hoonholtz, comandante da Canhoneira *Araguari* a seu irmão Frederico José, residente no Rio de Janeiro, no dia 22 de junho de 1865, a bordo de seu navio, fundeado na Cancha Del Chimbolar, p. 5.

projetado, pois assim é que, ao sairmos da Cancha em frente a Corrientes, já avistamos os inimigos. Ao nos aproximarmos, alguns deles já estavam largando as amarras e provavelmente já com os canhões apontados, por ser muito conhecido o canal por onde íamos passar. Assim passamos em frente à linha que estava à esquerda, já sofremos algumas avarias, resultado no canhoneio que faziam sobre nós. O plano de combate era passar por baixo, voltar rio acima e atacá-la, já tarde para essa operação. Imediatamente se pôs em ação o inimigo dirigindo-se a nós, então tomamos a enseada do Riachuelo, formando meia-lua como já não havia lugar para outra operação<sup>8</sup>.

Sabemos que a Esquadilha paraguaia ultrapassou a brasileira e foi fundear próximo às suas baterias rio abaixo. Nesse local, encontravam-se 22 peças de artilharia sob o comando do Coronel Bruguez, além de dois mil soldados prontos para a ação. O comodoro Mezza, comandante do Esquadrão paraguaio, com essa ultrapassagem, tentou atrair o grupo brasileiro para a enseada de Riachuelo, onde estaria sob a mira dos canhões de Bruguez.

Em seguida, a Esquadra brasileira suspende e persegue o inimigo até o Riachuelo, com os navios na seguinte seqüência: *Belmonte*, *Jequitinhonha*, *Amazonas* (onde se localizava o Chefe-de-Divisão Barroso), *Beberibe*, *Iguatemi*, *Mearim*, *Araguari*, *Ipiranga* e por fim a *Parnaíba*.

Logo após, Barroso guina francamente para bombordo, desarticulando toda a formação em coluna. Erro perigoso que quase leva ao desastre. A Canhoneira *Belmonte* segue sozinha, sem se aperceber da guinada do capitânia, passa em frente dos navios inimigos e das baterias paraguaias, sofrendo 37 impactos no costado e na linha d'água, tendo

o comandante como única alternativa o encalhe na Ilha Cabral, abaixo de Riachuelo.

O comandante interino do navio, Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu, assim descreveu toda a cena em que a *Belmonte* sofreu duramente nessa primeira parte da refrega:

“Só sinto que não pude fazer o que desejava, porque depois de ter passado toda a linha inimiga e quando voltava procurando aproximar-me do navio-chefe que me parecia abordado por um navio inimigo, declarou-se fogo na coberta, produzido por uma bomba inimiga e pouco depois deram-me parte que havia muita água no porão; assim, vi-me obrigado a tocar atrás e como a água aumentasse extraordinariamente a ponto de estar já dois pés acima do assoalho da coberta, encalhei o navio como único meio de salvá-lo e imediatamente tratei de tapar os rombos, o que ainda não consegui.

O navio teve as seguintes avarias: 22 rombos no costado de BB e 15 no de BE, tudo acima da linha de flutuação, abaixo não sei ainda, porém devem ser bastante, pois que todas as bombas de bordo e baldes não dão vazão à água do porão que já estava apenas dois pés abaixo da tolda; perdeu-se dois escaleres grandes, o terceiro arrombado e o único estanque estragado; perderam-se também dois turcos dos escaleres. Durante o combate tivemos nove mortos, sete feridos gravemente e 15 levemente e alguns contusos<sup>9</sup>.

Por que afinal de contas Barroso guinou para bombordo (BB) sem avisar à força naval que o acompanhava? O Almirante Hernani Goulart Fortuna acredita que o propósito do chefe naval era cortar a retirada pelo norte do Esquadrão adversário<sup>10</sup>. Pode ser, embora improvável. No entanto, logo após, ele percebeu

<sup>8</sup> Carta do Capitão-de-Fragata Remigio Cabral ao Doutor Gregório Benitez, datada de 2 de junho de 1892, de Jaguaron, Paraguai, Archivo del Instituto y Museo de História Militar, Colección Zebalos pasta 37.

<sup>9</sup> Relatório do Primeiro-Tenente Joaquim Francisco de Abreu, comandante interino da Canhoneira *Belmonte* para o Chefe-de-Divisão Francisco Manoel Barroso, Chefe da 2ª Divisão em 11 de junho de 1865.

<sup>10</sup> FORTUNA, Hernani Goulart. *Batalha Naval do Riachuelo*. Palestra proferida no dia 11 de junho no Comando Militar da Amazônia, em Manaus, p. 11.

a gravidade da situação tática em que colocou os navios brasileiros, desfazendo imediatamente a manobra e retornando à coluna. O certo é que a confusão já estava formada. A Corveta *Jequitinhonha*, imediatamente à frente da *Amazonas* guina para BB e depois para boreste (BE), indo encalhar perigosamente no Banco Bergantim a cerca de duas milhas das posições inimigas. O comandante do navio, Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, assim descreveu as cenas que se desenrolaram com o seu navio:

“O navio-chefe fez para a *Jequitinhonha* sinal de bater o inimigo o mais próximo possível; indo-se executar essa ordem, teve-se de virar águas abaixo; nessa manobra encalhou a *Jequitinhonha* no banco de areia que divide os dois canais estreitos em frente à bateria de terra do inimigo e, por mais esforços que se fizeram, não foi possível safá-lo. Fez-se sinal de estarmos encalhados. Começou, então, sobre nós um fogo vivíssimo de terra e dos navios inimigos, dos quais três, separando-se da linha, subiram e nos cercaram, tentando por vezes abordar-nos; porém foram repelidos e fugiram rio acima, perseguidos pelo vapor *Beberibe* e outros da nossa Esquadra que apareceram. Na terrível posição em que nos achávamos, sustentamos à força toda a bateria de terra que cessou de hostilizar-nos ao escurecer”<sup>11</sup>.

Nessa oportunidade, a *Jequitinhonha* perdeu em combate um oficial e sete praças, inclusive o prático do rio, enquanto contabilizava cinco oficiais feridos, aí incluído o Comandante da 3ª Divisão, Capitão-de-Mar-e-Guerra José Segundino Gomensoro, e 12 praças. No decorrer da ação, foram perdidos mais dez homens com 15 feridos, perfazendo um total de 18 mortos e 32 feridos em ação.

Com um navio encalhado, a Corveta *Jequitinhonha* e outra prestes a seguir o

mesmo destino, a *Belmonte*, a Fragata *Amazonas* investiu o Passo Riachuelo já às 11h45min, abrindo vivo fogo contra o inimigo. É seguido pela *Beberibe*, segundo navio da coluna. Atrás vinham a *Mearim*, a *Araguari*, a *Iguatemi* e a *Ipiranga*. A *Parnaíba* correu em socorro da *Jequitinhonha*, já imobilizada pelo banco de areia.

O então oficial subalterno paraguaio de 25 anos de idade, Juan Crisóstomo Centurión, depois elevado a capitão, secretário de Solano López, posicionado na margem de Riachuelo, em uma das peças de artilharia de Bruguez, assim percebeu esse ponto do combate:

“A *Jequitinhonha* e a *Parnaíba* foram as últimas que se posicionaram acima de nossa posição e, como pareciam vacilar em avançar, a Esquadra paraguaia se pôs a caminho para interceptar-lhes a derrota e apoderar-se delas.

A primeira, quando se apercebeu dessa manobra, ficou aturdida pelo vivo fogo que a bateria de Bruguez lhe oferecia, variando de rumo e saindo fora do canal indo encalhar próximo da barranca esquerda do rio, em frente de onde me encontrava. Ali ela foi alvo do fogo de nossa infantaria posicionada próximo. Observando que as balas de fuzil pouco afetavam esse navio inimigo, indiquei ao Sargento Julian Godoy a conveniência de trazer duas peças de artilharia para hostilizar com mais eficácia a *Jequitinhonha*, que não cessava de atirar contra nós no meio dos mais entusiasmados vivas ao Imperador e ao Brasil até a noite. A tripulação desse navio se portou heroicamente, lutando como bravos até altas horas”<sup>12</sup>.

Enquanto a *Jequitinhonha* era hostilizada pela artilharia de Bruguez, a *Parnaíba* era abordada por quatro navios paraguaios. A *Taquari*

<sup>11</sup> Relatório do Capitão-Tenente Joaquim José Pinto, comandante interino da Canhoneira *Jequitinhonha* para o Chefe-de-Divisão Francisco Manoel Barroso, Chefe da 2ª Divisão em 13 de junho de 1865.

<sup>12</sup> CRISÓSTOMO CENTURIÓN, Juan. *Memórias o reminiscências históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo I, El Lector, 1987, p. 273.

por bombordo, o *Salto Oriental* a boreste, o *Marquês de Olinda* pela popa e o *Paraguari* que vinha cortando a sua proa.

O combate a bordo da *Parnaíba* foi extremamente violento. O comandante desse navio, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá prestou o seguinte depoimento com respeito à abordagem realizada pelos vapores paraguaios:

“O inimigo, percebendo que este último (*Jequitinhonha*) havia encalhado, atacou a nossa linha, cortando-a na altura da *Parnaíba*. Avançaram sobre nós três vapores paraguaios, que mais tarde reconheci serem o *Taquary*, *Paraguay* e *Salto*. Sendo inevitável a abordagem, ordenei que funcionasse a máquina com toda a pressão do vapor e dirigi-me sobre a *Paraguari*, tendo a felicidade de metela a pique. O *Taquari* abordou-nos pelo lado de bombordo e o *Salto* por estibordo. Apenas guarnecido o segundo rodízio de bombordo que disparou dois tiros de metralha, toda a guarnição defendeu a abordagem, inclusive as primeira e sexta companhias do Nono Batalhão de Infantaria destacadas a bordo desta corveta sob as ordens do seu distinto comandante, o Tenente-Coronel José da Silva Guimarães. Nessa luta heróica, em que cada oficial, marinheiro e soldado cumpriu com o dever de verdadeiro brasileiro, muitas vidas preciosas foram sacrificadas no altar da pátria”<sup>13</sup>.

O combate no convés da *Parnaíba* tem sido descrito pelos historiadores brasileiros como um dos mais sangrentos da Batalha Naval do Riachuelo. Tanto o capitão Pedro Afonso Ferreira como o Tenente Feliciano Inácio Andrade Maia, do Exército, bateram-se com valentia e foram mortos no combate corpo-a-corpo. O Guarda-Marinha Greenhalgh e o Imperial Marinheiro Marcílio Dias foram outros dois combatentes mortos a bordo da *Parnaíba*.

Nesse momento do combate tínhamos três navios imobilizados, sendo dois encalhados e a *Parnaíba* lutando contra quatro navios inimigos. Os paraguaios, por outro lado, estavam em melhor situação que nós. Eles haviam perdido uma chata artilhada. A *Jejuí* e a *Paraguari* estavam avariadas. Bruguez continuava atirando contra nossos navios e tudo se encaminhava para um sucesso do inimigo.

Fernandes de Sá continuou seu relato apaixonado:

“Sendo a luta desesperada e cada vez mais crítica nossa situação por haver-nos abordado pela popa o *Marquês de Olinda* e durando talvez já uma hora o combate de mosqueteria e ferro frio, fizemos todos um esforço supremo de patriotismo, aplaudindo com entusiasmo a ordem transmitida pelo oficial imediato, o Primeiro-Tenente Felipe Firmino Rodrigues Chaves, de combinação comigo, para que se lançasse fogo ao paiol da pólvora, ordem essa que ia ser imediatamente executada pelo corajoso escrivão de 2ª classe José Correa da Silva, quando felizmente ouviram-se gritos de viva à Nação brasileira, ao imperador, ao Almirante Tamandaré, ao Chefe Barroso e à guarnição da *Parnaíba*”<sup>14</sup>.

Crisóstomo Centurión acompanhava da margem os combates tanto na *Jequitinhonha* como no convés da *Parnaíba*. Esse oficial paraguaio, ao contrário dos nossos historiadores navais, considerou que os combatentes da *Jequitinhonha* tiveram desempenho mais ousado que os da *Parnaíba*. Sobre a abordagem do último por três navios paraguaios, ele assim se referiu:

“A segunda (*Parnaíba*), sob pena de ter a mesma sorte que a primeira (*Jequitinhonha*), se viu obrigada a correr o perigo de seguir o exemplo de suas outras companheiras que haviam passado o estreito passo indo situ-

<sup>13</sup> Depoimento do Comandante da *Parnaíba*, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, sobre a participação do navio na batalha, Arquivo da Marinha, SDM.

<sup>14</sup> Depoimento do Comandante da *Parnaíba*, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá sobre a participação do navio na batalha, Arquivo da Marinha, SDM.

ar-se a grande distância da ilha e da bateria de Bruguez... O *Taquary* conseguiu atracar no costado da *Parnaíba*, no entanto só dois homens que se encontravam sobre a roda conseguiram saltar a bordo, sem que os outros pudessem seguir seus exemplos... acharam prudente voltar a seu próprio navio, havendo aproveitado os minutos que estiveram no passadiço do inimigo para ferir alguns brasileiros. O *Salto* que era a hélice não teve o mesmo inconveniente que o *Taquary* e por essa razão facilmente conseguiu emparelhar com a *Parnaíba*... Trinta e tantos paraguaios do batalhão 6 saltaram para bordo, fazendo estragos entre os brasileiros que aterrorizados, alguns se lançaram ao rio e outros correram para ocultarem-se cobertas abaixo”<sup>15</sup>.

Pode-se perceber claramente que a visão de Crisóstomo Centurión desse combate foi totalmente diferente da percepção de Fernandes de Sá. Para Crisóstomo Centurión, nós recuamos à primeira abordagem. Observemos a conclusão do seu depoimento sobre o desfecho dessa ação.

“Donos os paraguaios da *Parnaíba*, no mastro da bandeira de popa arriaram a bandeira imperial e içaram em seu lugar a tricolor paraguaia em meio aos mais estridentes aplausos dos ali presentes, dos demais navios e dos que se encontravam na barranca... A *Amazonas* e outro vapor que se encontravam mais abaixo, recobram a coragem e vieram auxiliar sua companheira que se encontrava em situação bastante difícil. Assim que chegaram fizeram fogo sobre a *Parnaíba* matando a maior parte dos paraguaios que estavam a bordo. Então os brasileiros que se haviam ocultado, vendo que o número de paraguaios havia diminuído consideravelmente, contra-atacaram matando alguns e o resto conseguiu

fugir a nado. Os paraguaios fizeram prodígios de valor nessa ocasião, infundindo... a desmoralização e o pânico entre seus inimigos que eram 8 vezes superiores em número”<sup>16</sup>.

O comandante da *Parnaíba*, ao contrário, em seu depoimento descreve a ação subsequente. Disse ele que:

“Eram vozes de nossos marinheiros e soldados acometendo resolutamente os paraguaios que se escapavam por terem percebido que a *Amazonas* e a *Belmonte* vinham em nosso auxílio e também a *Mearim*. Grande foi a desordem do inimigo. Os 30 cadáveres deixados em nossa cobertura, inclusive o do atrevido oficial que profanou a nossa bandeira, atestam bastantemente o revés sofrido por eles, devendo aqui adicionar que todos os outros paraguaios que então se achavam a bordo precipitaram-se no rio e ganharam a margem do Chaco”<sup>17</sup>.

A mesma ação com duas visões distintas. Esse é um exemplo da beleza que é a História. Compete ao historiador profissional confrontar as fontes e por meio das técnicas de crítica histórica interpretar aquilo que lhe parece mais verossímil, procurando a verdade. Sinto dizer que a própria palavra verdade me traz algum desconforto. Afinal estaria Fernandes de Sá inventando todo aquele heroísmo brasileiro na ação? Ou estaria Crisóstomo Centurión fazendo o mesmo, enaltecendo o combatente paraguaio? Afinal são dois relatos distintos da mesma ação. A verdade sempre foi perseguida pelo historiador e assim deve ser. A re-interpretação dos fatos históricos é que faz o profissional de Clio cada vez mais se apaixonar pelo seu ofício. Não devo aqui procurar desvendar o que aconteceu, embora tudo indique que o relato paraguaio possivelmente esteja com a razão, pois o prático da *Parnaíba*, Capitão Antonio

<sup>15</sup> CRISÓSTOMO CENTURIÓN, Juan . *Memórias o reminiscências históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo I, El Lector, 1987, p. 274.

<sup>16</sup> Ibid, p. 275.

<sup>17</sup> Depoimento do Comandante da *Parnaíba*, Capitão-Tenente Aurélio Garcindo Fernandes de Sá, sobre a participação do navio na batalha, Arquivo da Marinha, SDM.

Valentino assim se pronunciou sobre a fuga de brasileiros cobertas abaixo. Disse ele:

“O comandante ferido se retirou da praça-d’armas e o imediato ordenou à tropa que fosse para a proa para defender o navio da abordagem. Esta movimentação deixou desguarnecida a corveta desde o mastro da mezena até a popa e então nos abordaram os outros vapores. Os paraguaios saltavam furiosos, com machetes enormes que cortavam pelo ar e destroçando as redes de abordagem, invadindo a coberta. Os marinheiros e tropa lutaram sozinhos, pois ao retirar-se o comandante da praça-d’armas o seguiram todos os oficiais. Eu abandonei a roda do leme e corri para a proa, encontrando hermeticamente fechadas todas as escotilhas, exceto a entrada da escada da praça-d’armas. Os paraguaios se dirigiram para ela me ameaçando já com seus sabres, assim é que me joguei para dentro fechando a porta. Desta maneira ficamos todos embaixo e os paraguaios lutando e liquidando os brasileiros que tinham ficado na coberta, sem poder ir para o interior do navio”<sup>18</sup>.

Com esse relato, parece que Crisóstomo Centurion estava correto ao observar o recuo dos brasileiros para o interior do navio. Não importa. O certo é que o confronto de relatos faz parte do trabalho do historiador. O que gostaria de apontar é que a micro-história, com seus relatos de pessoas comuns, algumas delas pequenas no contexto histórico analisado, pode ser uma auxiliar eficiente para se compreender os grandes fenômenos, ou mesmo micro-universos que envolvem os protagonistas. O que se sabe é que a *Parnaíba* perdeu o maior número de combatentes na batalha. Foram mortos 33 homens e 28 ficaram feridos, além de 14 extraviados caídos no rio e nunca encontrados, o maior número de baixas entre os navios imperiais. Voltemos à ação.

Como se encontrava o restante da Esquadra brasileira naquela altura da batalha?

A *Amazonas*, seguida da *Beberibe*, *Mearim*, *Araguari*, *Iguatemi* e, por fim, da *Ipiranga*, manobrava abaixo da Ponta de Santa Catarina, único local do rio que oferecia largura suficiente para uma guinada franca pela esquerda (bombordo) e uma profundidade condizente com o maior calado da formatura, a da *Amazonas*, de cerca de 14 pés.

No lado paraguaio, com exceção da *Paraguay*, avariada pela *Parnaíba* e da *Jejuy* encaçada na Ponta de Santa Catarina, o restante dos navios ainda mantinha um poder combatente suficientemente forte para vencer o embate.

Ao fim da guinada o Chefe-de-Divisão Barroso investe em coluna rio acima para auxiliar a *Parnaíba* e atacar os primeiros navios paraguaios a partir de Santa Catarina.

O Primeiro-Tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz, comandante da Canhoneira *Araguari*, em carta pessoal ao seu irmão Frederico, 11 dias após o combate, assim se referiu à investida de Barroso após a curva para a esquerda:

“No primeiro plano vimos a *Parnaíba*, abordada pelos mesmos três vapores cuja abordagem eu repelira ao descer... e de bandeira arriada. Ao longe o *Jequitinhonha*, de proa para baixo, porém preso no banco Del Bergatim e alvejado pela bateria de Briguez a qual respondia com admirável vigor enquanto sua hélice debatia-se em vão para safá-lo. Não havia tempo a perder e voamos todos a socorrer a *Parnaíba*. Ao ver-nos subir todos juntos o *Taquary* e seus três companheiros largaram a presa e afastaram-se, indo a eles reunir-se outro que me disse o prático ser o *Pirabebe*”<sup>19</sup>.

Chega-se então ao momento culminante da batalha – a manobra de abalroamento dos

<sup>18</sup> Depoimento do prático Capitão Antonio Valentino, do vapor *Parnaíba* na Batalha Naval do Riachuelo, quando prático do vapor *Rio Paraná*, no dia 21 de abril de 1888 na cidade de San Fernando no Paraguai.

<sup>19</sup> Carta escrita pelo Primeiro-Tenente Antônio Luiz Hoonholtz, comandante da Canhoneira *Araguari* a seu irmão Frederico José, residente no Rio de Janeiro, no dia 22 de junho de 1865, a bordo de seu navio, fundeado na Cancha Del Chimbolar, p. 15.

navios paraguaios realizada pela *Amazonas*. Muito se tem discutido a respeito dessa ação de Barroso. Questionamentos, dúvidas, certezas e muitos erros metodológicos de historiadores estrangeiros.

A manobra iniciou-se com a utilização da *Amazonas* como aríete contra a *Jejuí*, que foi posta a pique. Seguiu-se o *Marquês de Olinda* e o *Salto Oriental*, levando de roldão uma chata artilhada. Mezza percebendo a situação se deteriorar rapidamente desatracou de contrabordo da *Parnaíba* e segue com a *Taquari* para se juntar ao *Igurei*, ao *Pirabebe* e ao *Iporá*. É perseguido na ação pela *Beberibe* e pela *Araguari*. A *Iguatemi*, por outro lado, permaneceu atirando contra as chatas e as fortificações de terra. A *Mearim* foi auxiliar a *Belmonte* encalhada. A *Ipiranga* acompanhou a ação da *Amazonas*, subindo o rio. As cinco chatas inimigas foram todas aprisionadas.

A derrota quase certa transformou-se em vitória definitiva. Foi por certo o ponto de inflexão desse combate.

Quem foi o autor dessa manobra providencial?

Não pretendo repetir os argumentos de ambos os lados. Não quero e não devo julgar o que ocorreu. Falta-me conhecimento, devo confessar. Um dos lados afirmou que a manobra realizada teve como autor o próprio Barroso. O outro grupo, ao contrário, imputou ao prático Bernardino Gustavino a manobra de abalroamento dos navios inimigos.

Outros historiadores mais capacitados já discutiram essa questão a fundo e não pretendo rediscuti-la. O que pretendo é discutir a forma como as fontes foram trabalhadas e os erros metodológicos cometidos, tomando como base os depoimentos daqueles que participaram.

Inicialmente o Primeiro-Tenente Von Hoonholtz da *Araguari* assim descreveu a ação de Barroso nesse momento crucial da batalha:

“É notório e desde logo se soube na Esquadra que as bicadas da *Amazonas* foram ordenadas propositadamente por V.Exa. que do alto do passadiço era visto por todos a dar ordens para evoluções do capitânia, com a coragem e sangue frio que nenhum dos combatentes dessa gloriosa jornada poderá jamais esquecer, nem terá nunca a insensatez de negar ou desconhecer no ínclito Chefe Barroso”<sup>20</sup>.

O Segundo-Tenente Júlio César de Noronha, oficial da *Amazonas*, assim se pronunciou:

“Sempre atribuí a V.Exa. a iniciativa da manobra que ocasionou a perda dos vapores paraguaios *Jejuy*, *Salto* e *Marquês de Olinda*... A habilidade não vulgar com que o ilustre Almirante Barão do Amazonas soube aproveitar-se do poder resistente da proa de seu navio, para acelerar o momento da vitória e infligir sérios desastres ao inimigo, recomenda-o à veneração dos povos do Império e do Prata”<sup>21</sup>.

Outro oficial do navio, o Guarda-Marinha Manoel José Alves Barbosa, presente no passadiço da Fragata *Amazonas* foi mais longe ao afirmar que:

“As investidas dadas pelo Amazonas sobre os vapores paraguaios não foram casuais mas sim premeditadas como o plano de ataque concebido por V.Exa. a quem sobre o passadiço do navio onde durante toda a ação me achei transmitindo as ordens e sinais para o combate, ouvi mais de uma vez ordenar com insistência ao prático Bernardino Gustavino que declarasse logo que o navio se achava em posição de poder executar aquela manobra”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Depoimento do Primeiro-Tenente Von Hoonholtz da *Araguari* para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 3 de dezembro de 1877 no Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Depoimento do Capitão-Tenente Júlio César de Noronha para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 29 de outubro de 1877 no Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Depoimento do Primeiro-Tenente Manoel José Alves Barbosa para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 24 de outubro de 1877 no Rio de Janeiro.

O Primeiro-Tenente Carlos Frederico de Noronha, outro oficial da *Amazonas*, declarou, quando questionado por escrito por Barroso, que : "A iniciativa da manobra que inutilizando os vapores *Jejuy*, *Salto* e *Marquês de Olinda*, tornou a vitória mais decisiva foi de V.Exa., cujo nome a gratidão nacional inscrevera no panteão da História."<sup>23</sup>

Outros oficiais fizeram declarações semelhantes confirmando a manobra como de autoria de Barroso. A documentação oficial confirma a manobra como de Barroso. E Bernardino Gustavino? Como foi a sua declaração? Disse ele:

"Havendo suspenso os navios paraguaios e estando travado o combate entre as duas Esquadras, o vapor *Amazonas*, quando seguira águas acima, encontrara fundeado o vapor paraguaio *Jejuy* e fora sobre ele por iniciativa e ordem do então Chefe-de-Divisão Francisco Manoel Barroso e isto depois de consultar a e ele depoente (Bernardino) se havia água bastante para a *Amazonas* e obter resposta afirmativa. E que o bom êxito dessa manobra que pôs a pique o dito vapor paraguaio, levou o mesmo chefe a repeti-la contra outros navios inimigos que tiveram a mesma sorte da *Jejuy*"<sup>24</sup>.

Essa declaração de Gustavino foi feita por escrito e assinada na presença de três oficiais superiores e uma praça brasileiros. Haveria nesse caso alguma dúvida sobre a autoria dessa manobra?

Do lado contrário a pior crítica foi a de George Thompson, que não se encontrava a bordo da *Amazonas* quando da ação, pois era do círculo de Solano López e encontrava-se afastado da batalha. Muitas de suas afirmações, contidas em seu livro *The War in the Paraguay* foram depoimentos de outros. Disse ele que :

"Os brasileiros celebraram esta batalha como uma grande vitória e o imperador conferiu uma cruz a Barroso, o comandante, e o fez Barão do Amazonas. Em qualquer outro país seria ele julgado por uma corte marcial, não somente por não haver procurado deter os vapores paraguaios em retirada senão também pelo boato de sua covardia a bordo do seu próprio navio, onde ao que se disse ele perdeu completamente a cabeça e de ter sido o piloto correntino nessa ocasião o verdadeiro comandante da frota"<sup>25</sup>.

Compreende-se que Thompson estivesse lutando em lado contrário ao do Brasil, e que privasse do círculo íntimo de López, daí sua parcialidade, afinal nunca foi historiador e sim memorialista, despreocupado com o rigor histórico.

Compreende-se que seu texto, por ser baseado em relatos de outros, seja considerado fonte secundária, daí o cuidado na análise por parte do profissional de Clio que sempre anseia por documentação primária, o caso dos depoimentos dos brasileiros, testemunhas oculares dos eventos.

Compreende-se que Thompson seja parcial no seu relato. Até mesmo os mais experimentados historiadores muitas vezes sucumbem às suas próprias motivações.

O que não se pode entender é como um historiador contemporâneo profissional, o Professor inglês Geoffrey Regan pode escrever um texto histórico (o livro *Guinness Book of Naval Blunders*) sem ao menos pesquisar fontes primárias e fixar-se apenas em uma fonte secundária (Thompson) ao afirmar a covardia de Barroso durante a batalha.

Não houve pesquisa documental. Não houve confronto de fontes. Não houve interpretação. Não houve acribologia histórica. Enfim, não houve nada. Como historiador

<sup>23</sup> Depoimento do Capitão-Tenente Carlos Frederico de Noronha para o Almirante Barão do Amazonas sobre o seu testemunho da batalha, datada de 28 de outubro de 1877 no Rio de Janeiro.

<sup>24</sup> Depoimento assinado pelo prático Bernardino Gustavino a bordo da Fragata *Amazonas* no porto de Montevideu na presença dos Comandantes Dyonisio Manhães Barreto, Manoel Carneiro da Rocha e Custódio José de Mello sobre o seu testemunho da batalha, datada de 3 de outubro de 1877.

<sup>25</sup> THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1968, p. 77.

profissional, o professor Geoffrey Regan deveria pelo menos desconfiar do texto de Thompson, afinal Barroso fora criado desde tenra idade nos conveses dos navios em um período em que as guerras faziam parte do cotidiano. Desde cedo, Barroso compartilhara as agruras dos combates permanentes. Será que ele havia passado incólume sem nunca ter sido avaliado por seus chefes e pares em momentos de real perigo? Se o professor tinha alguma dúvida a respeito de sua conduta (e um profissional de História deve ser antes de tudo um curioso) por que não pesquisou mais a fundo? Deixo essa pergunta à reflexão.

Voltando ao combate, ele se encerrou com a fuga dos navios paraguaios em direção a Corrientes. A *Beberibe* e a *Araguari* ensaiaram uma perseguição até o cair da noite, sem alcançá-las. O combate efetivamente terminou às 16 horas.

O Paraguai perdera quase toda a sua frota.

Em poucas palavras, esse foi o combate naval do Riachuelo. Utilizei fontes primárias e procurei avidamente o confronto de relatos. Não analisei o aspecto estratégico, nem as considerações táticas. Mesclei os comentários com textos secundários dos Almirantes Fortuna e Bittencourt, especialistas nessa batalha, de forma a apresentar um quadro mais compreensível.

Procurei assim utilizar a abordagem micro-histórica como ferramenta de meu campo de observação. Não tive a pretensão e nem a competência de seguir os passos do ilustre Professor Carlo Ginsburg, um dos mestres da Micro-História. Esse conhecido mestre italiano em seu livro vibrante *O Queijo e os Vermes* conseguiu retratar por meio de textos processuais da Inquisição contra o moleiro Menocchio no século XVI todo um arcabouço do cotidiano e das idéias que permeavam o universo que o circundava.

O que a Micro-História pretende é a redução na escala de observação do historiador de modo a perceber aspectos que pas-

sariam despercebidos. O que tentei atingir não foi o puro relato do combate por si, mas sim entender as diferentes visões de um mesmo problema social (e a batalha deve assim ser percebida). Não procurei tampouco proceder a grandes generalizações estratégicas ou táticas. Longe disso.

Devo confessar que um estudo micro-histórico envolve questões muito mais amplas do que as que apresentei. O que fiz foi apenas um pequeno relato desse tipo de abordagem.

Percebo a História não apenas baseada no que o Professor Raphael Samuel descreveu como fetichismo da documentação, uma obsessão pelos fatos e uma metodologia de realismo ingênuo<sup>26</sup>. História não pode ser percebida apenas como documentação. O regresso ao mundo rankiano deve ser evitado. História é mais que apenas o documento. Ela deve permitir diferentes interpretações de diferentes abordagens.

O Professor-Doutor Keith Jenkins aponta quatro razões para o que chamou de fragilidade epistemológica da História.

A primeira razão é que o historiador não consegue abarcar e recuperar a totalidade dos acontecimentos, pois eles são praticamente ilimitados.

Em segundo lugar é que nenhum relato consegue recuperar o passado tal como aconteceu porque o passado foi uma situação e não um relato. Relatos são confrontados com relatos e nunca com acontecimentos. O que existe é interpretação de situações, é construção do próprio historiador. É um relato individual.

A terceira razão é que o historiador depende dos olhos e da voz de outrem que atua como intérprete que se interpõe entre o acontecimento e a leitura que dele se faz. Mesmo os documentos ditos primários ou relatos de testemunhas oculares dos fatos são permeados por motivações, predisposições e ideologias. O historiador, também, não está imune a isso.

E, por fim, podemos assegurar que sabemos mais sobre o passado do que as pessoas que lá viveram. O historiador por ter uma visão ampla da questão e perceber os seus efeitos poderá reconstruir o relato de modo bem mais completo<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, p. 19.

<sup>27</sup> *Ibid*, p. 31.

Finalizando, vimos então como as percepções dos atores mudam. Como elas são parciais e muitas vezes tendenciosas. O mesmo fato percebido de maneiras diferentes.

A Batalha Naval do Riachuelo, como fato histórico, continuará sempre a despertar o interesse dos historiadores profissionais. Ela

será sempre discutida com novas abordagens. Foi isso que tentei fazer com esse relato micro-histórico.

Compete ao historiador perceber essas tendências e procurar, na medida do possível, separar o que para ele tem pertinência e o que não tem.

Aí está exatamente a beleza da História.